

## GEOGRAFIA ESCOLAR: RELAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DA PRÁTICA SOCIAL

**Márcia Helena de Lima**  
Professora da Faculdade de Educação - UFU

**Vânia Rúbia Vlach**  
Professora do Instituto de Geografia - UFU

**ABSTRACT** - *This article is focused at the existing relation between education and the Geography, and at the existing pedagogic dimensions involved in the process. Such dimensions (re)design school spaces both in the city and in the countryside; They also shimmer the understanding of roles of the educator and the learner in a social/historical perspective and emphasize the teaching of Geography.*

**Key-words:** *Education, Teaching of Geography, School space, City and field.*

### INTRODUÇÃO

A Geografia escolar tem um papel ideológico. Por isso, não cabe a idéia da neutralidade científica; se, de um lado, essa disciplina contribuiu para reprodução da dominação, por outro lado, as práticas educativas demonstraram e demonstram lutas concretas dos educadores dessa área pela melhoria do ensino público.

Entretanto, o ensino de Geografia no ensino fundamental, tanto no campo, quanto na cidade precisa ir além da troca de materiais e manuais didático-pedagógicos. É preciso obter informações que permitam compreender as crianças nos aspectos relativos à educação na cidade e no campo e, principalmente, sobre

o seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, percepção do espaço e padrão de linguagem.

De uma maneira geral, os manuais didáticos e programas de ensino de Geografia retratam uma realidade estereotipada, que nada tem a ver com a realidade social e cultural do povo brasileiro. Os manuais tradicionais não enfatizam a compreensão do saber geográfico historicamente acumulado, dificultando a visão da Geografia real, vivenciada no seu cotidiano e tão necessária para melhorar as relações entre o homem e a natureza.

A constituição literária e mercadológica desses manuais se dinamiza constantemente através dos órgãos governamentais, os quais reforçam a ideologia da indústria cultural. O profissional de Geografia precisa partir de

análises críticas frente aos conteúdos apresentados nessas teorias, que são endossados por doses excessivas de conceituações e definições, impossibilitando, tanto o professor, quanto o aluno, de uma compreensão de sua realidade geográfica.

O conhecimento do conteúdo geográfico precisa ser repassado de forma apropriada, de maneira que reproduza os conhecimentos construídos culturalmente pela humanidade, redefinindo possibilidades de reconstrução contínua pelo aluno e pelo professor, no cotidiano da sala de aula.

A análise de confronto entre a antiguidade e a modernidade não se reduz à proposição de soluções pedagógicas, nem tão pouco geográficas, com um discurso ingênuo em defesa das classes sociais menos favorecidas, mas recupera a condição de docentes interventores, em um espaço legítimo de transformação social: a escola.

Dessa maneira, pode-se afirmar que as relações estruturais existentes na sociedade capitalista colocam novas formas de estruturação do espaço do campo e da cidade, constituindo um sistema de organização que, diante do processo de globalização acelerada, desconsidera as relações homem-natureza.

O ensino de Geografia, construído pela reprodução de manuais, conduz a uma

insatisfação e a um descomprometimento dos alunos frente a essa disciplina, podendo-se perceber afirmações que reforçam a idéia de que a metodologia utilizada pela maioria dos professores nas escolas da cidade não tem relação com a vida cotidiana dos alunos, o que direciona a aprendizagem para repetições, impossibilitando a criação/re-criação.

*“Conhecer o espaço geográfico e o funcionamento da natureza em suas múltiplas reações, de modo a compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem e do lugar;*

*Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas conseqüências em diferentes espaços e tempos, de modo a construir referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões sócio ambientais locais;*

*Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações;*

*Compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos, os avanços técnicos e tecnológicos e as transformações sócio-culturais são conquistas decorrentes de conflitos e acordos, que ainda não são usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, empenhar-se em democratizá-las;*

*Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para empreender o espaço, a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições;*

*Fazer leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo a interpretar, analisar e relacionar informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens;*

*Valorizar o patrimônio sócio-cultural e respeitar a sócio diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos é um elemento de fortalecimento da democracia.” (BRASIL, 1997b: 121-2).*

Tendo em vista as discussões apresentadas pelos PCNs, que, de certa forma, discutem o trabalho educativo, estão sendo produzidas reflexões significativas de como se efetivam as questões que envolvem a instituição escolar, nos âmbitos social, econômico, cultural e político.

A prática da Geografia escolar, que está presente na postura de alguns professores, tem a ver com a sua historicidade, ou seja, o paradigma abrange sua própria crise epistemológica, evidenciada na divisão entre Geografia Humana e Geografia Física.

Por isso, cabe ao professor entender as especificidades inerentes a Geografia, mas desconstruir o caráter de fragmentação que a envolve, de forma a intervir no processo de ensino-aprendizagem valorizando o entendimento do espaço geográfico como uma extensão humana e física.

A construção de pressupostos teóricos e metodológicos para o ensino de Geografia orienta-se pelo olhar no futuro, mas resgata as construções passadas, por defender que o passado tem história (s), e que é preciso

considerá-lo, para se apontar perspectivas na estrutura educativa.

*O conteúdo da Geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprenda a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa ‘uma consciência espacial’ das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que travam no mundo. (CALLAI, 2000: 93).*

Ao profissional da área de Geografia cabe o entendimento de que os problemas relativos ao espaço escolar estão ligados aos problemas do homem na sociedade, tentando estabelecer uma relação direta entre o que se ensina e o que se aprende, e reafirmando a função social da ciência.

Os conteúdos trabalhados nos cursos de graduação em Geografia são necessários para o reconhecimento e organização dessa área acadêmica, mas não basta dominar conceitos teóricos, é preciso refletir sobre as concepções pedagógicas que perpassam a relação teoria e prática, revendo a didática e a metodologia que instrumentalizam esses trabalhadores para o exercício da profissão docente.

Essa análise nos remete à visão integral do ser humano, que tenha um posicionamento enquanto profissional, mas que saiba relacionar e interagir com as outras áreas de

conhecimento, buscando uma postura interdisciplinar para o desenvolvimento das atividades no espaço escolar.

Segundo VLACH (1989), ensinar é, antes de mais nada, o trabalho do aluno com o saber sob a mediação do professor. O ensino de Geografia possibilita ao aluno a compreensão da realidade, entendendo que esta é uma construção social sobre a natureza; uma construção internamente diferenciada, não podendo essa diferenciação interna ser mascarada.

Faz-se necessário um repensar constante sobre o ensino de Geografia, os quais precisam estar contextualizados com o espaço escolar, e, conseqüentemente, levar em conta as especificidades da cidade e do campo.

Assim, a proposta didático-metodológica do ensino de Geografia não pode desconsiderar tais questões, pois essas perpassam a vida do ser humano e modificam seu espaço de vivência, interferindo nas relações cotidianas, construindo valores e transformando culturas.

*“O cerne desta ciência, contraditoriamente à própria gênese da palavra, não é, no nosso ponto de vista, nem a Terra (= geo) nem tão pouco a descrição (= grafia), mas sim o espaço geográfico entendido como aquele espaço fruto do trabalho humano na necessária e perpétua luta pela dos seres humanos pela sobrevivência. Nessa luta, o homem usa, destrói/constrói/modifica a si e a natureza. O homem faz geografia à*

*medida que se faz humano, ser social”*  
(KAERCHER, 1998:13).

Acredita-se que a docência da Geografia intra e extra salas de aulas, relacionadas a estudos teóricos baseados nas necessidades das comunidades, nos contextos da cidade e do campo, construirão a história de Geografia real.

Não se trata de aplicar modelos pré-estabelecidos, mas possibilitar formas para que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino, que venham ao encontro das necessidades concretas dos alunos, produzindo assim, saberes reais.

Acredita-se que, assim, a escola estará promovendo uma interação entre os saberes pedagógicos e sociais, considerados indispensáveis para o desempenho do profissional da área de Geografia.

Assim, a efetivação de um currículo de Geografia em nível nacional precisa observar a realidade escolar, repensando as formas de construção do conhecimento, de atitudes e objetivos, dos que ensinam e dos que aprendem.

Nessa linha de análise, reforça-se uma (re)definição da Geografia em seus aspectos teórico e prático, considerando a necessidade de interlocução do saber científico com o saber prático, e uma (re)formulação curricular.

Os graduandos ingressantes no espaço escolar da universidade trazem em suas experiências um espaço real (vivenciado), que precisa ser valorizado através das histórias e saberes oriundos das classes a que pertencem.

Nesse sentido, torna-se necessário um repensar entre o que se ensina e o que se aprende, para que a atuação prática promova a interação entre o saber aprendido na universidade, com os conteúdos a serem aplicados em sala de aula. Acredita-se que, a partir daí, os profissionais da área de Geografia poderão partir da experiência vivenciada dos sujeitos históricos, proporcionando um redimensionamento do espaço escolar.

*“Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasia, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto viver em busca de seus interesses. As ciências, passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação/(re)construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões”*  
(CASTROGIOVANNI, 2001: 11).

O espaço escolar não formalizado traduz anseios de relações sociais. Assim, a

(re)novação constante do ensino de Geografia é necessária, cabendo a esta ciência interpretar o espaço social, sobretudo do ponto de vista humano, sem negligenciar os aspectos físicos examinando e explicando as questões sociais.

Nessa abordagem, acreditamos que a Geografia é uma ciência fundamental para o entendimento das questões sociais, sendo necessária uma relação com outras ciências que possuem como categoria de análise a sociedade. Assim, a Geografia poderá contribuir para o entendimento e intervenção na realidade concreta, construída e (re) construída pelos sujeitos históricos.

O espaço escolar deve ser compreendido como um instrumento necessário para o ensino de Geografia, como forma de orientação do aluno à compreensão do mundo social, promovendo uma relação concreta entre a teoria e a prática. As discussões e reflexões sobre o ensino de Geografia precisam focar as relações e interações das dimensões técnicas e sociais, como aspectos históricos, constitutivos da formação dessa ciência.

A reflexão em análise reforça o posicionamento de que a formação se pauta pela construção de estratégias de ensino-aprendizagem que se encontram com a realidade educacional concreta, estabelecendo um vínculo entre teoria e prática.

O (re)dimensionamento entre o ensinar e o aprender intenciona uma (re)construção dos currículos e conteúdos. Essa abordagem requer uma nova postura do profissional da educação, enfocando a formação do geógrafo-educador, por um prisma de (re)escrita do mundo, proporcionando reflexões e ações acerca do espaço profissional e vivencial .

O saber geográfico e o fazer pedagógico precisam estar em interrelação, para que a formação, inicial e continuada, atenda às reais necessidades do mundo atual, valorizando a formação integral, como professor e pesquisador, descaracterizando o caráter fragmentado que constituiu historicamente as ciências humanas.

*“O fato de que os geógrafos consideram elementos de conhecimento elaborados por múltiplas ciências não deve mais ser tomado, hoje, como a prova das carências ou do estatuto epistemológico ultrapassado da geografia. Essa pode ser considerada um saber científico, mas com uma condição formal de que todos esses elementos de conhecimento, mais ou menos disparatados, não sejam mais enumerados, justapostos num discurso do tipo enciclopédico mas, ao contrário, articulados em função de um fim. De fato, a legitimidade epistemológica de um saber se baseia, não mais num quadro acadêmico, seja ele científico, mas sobre práticas sociais providas de resultados tangíveis.” (LACOSTE, 1988: 228).*

Assim, espera-se que a educação escolar forneça os subsídios necessários para a implementação de uma nova prática geográfica, baseada em uma metodologia de

construção de conhecimentos significativos, que permitam aos alunos se situarem no âmbito social, levando em conta as (re)lações e (re)representações construídas em seus espaços de vivência e/ou de sobrevivência .

### Referências Bibliográficas

AMORIM, M. G. O. Palestra: Educação no campo: **O atual velho modelo de desenvolvimento ou o atual modelo de desenvolvimento velho.** In: Conferência Nacional de Educação Cultura e Desporto. Brasília: 2000, p. 1 a 6.

ANDRADE, M. C. **Caminhos e descaminhos da Geografia.** Campinas: Papirus, 1989. 85p.

ARENDE, H. In: VLACH, V. R. F. Sociedade Moderna, Educação e Ensino de Geografia. In: VEIGA, I. P. A. e CARDOSO, M. H. (Orgs.). **Escola Fundamental: Currículo e Ensino.** Campinas: Papirus, 1991. p.171.

ARROYO, M. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, E. et al. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** 3. ed. São Paulo: Cortez/AA. 1991. 31-80. (Coleção: Polêmicas do Nosso Tempo).

ANTUNES, C. Qual matéria ensinar? In: **A sala de aula de geografia e história: inteligências múltiplas, aprendizagem**

significativa e competência no dia-a-dia. Campinas: Papirus, 2000. p.113-21.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Plano Decenal de Educação para Todos** (1993-2003). Brasília: MEC, 1993.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

CALLAI, H. C. **A formação do profissional da Geografia**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999. 80p.

CALLAI, H. C.; CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Estudar o lugar para compreender o mundo. In: **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-92.

CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. (Orgs.). **Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. 7-35.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 617 p.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações

no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 11-22.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. São Paulo: Papirus, 1998. 183 p.

FILHO, V. R. **Mobilidade Residencial em Manaus:** uma análise introdutória. Manaus: EDUA, 1999. p.1-21.

FRANÇA, J. L. **Manual para normalização de publicações Técnico-científicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 204p

GRECO, F. A. S. **Geografia(s) saberes, práticas e vivências culturais de jovens adolescentes**. 2000. 210p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2000.

LIMA, M. H. **Pedagogia dos Sem-Terras**. 1998. 108 p. Monografia (Especialização em Planejamento Educacional) - DEPOP, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 1998.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1988. 263 p.

KAERCHER, N. A. A geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANNI C.

CALLAI, H. C.; SCHAFFER, N. O. (Orgs.). **Geografia em sala de aula** - práticas e reflexões. Porto Alegre, 1998. p.13-25.

\_\_\_\_\_. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático: CASTROGIOVANNI, A. C.(Org.). In: **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p.136-167.

PONTUSCKA, N. N. Parâmetros Curriculares Nacionais: tensão entre Estado e Escola. In: CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. **Reformas no Mundo da Educação: Parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p.11-19.

RESENDE, M. S. **A Geografia do Aluno Trabalhador: caminhos para uma prática de ensino**. São Paulo: Edições Loyola, 1986. 179p.

SANTOS, M. **Manual de Geografia Urbana**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989. p.25-30.

SUERTEGARAY, D.; HEIDRICH, A.; REGO, N. (Orgs.) **Geografia e Educação- Geração de Ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000: 123 p.7

VESENTINI, J. W. (Org.). **Geografia e Ensino – textos críticos**. Campinas: Papirus, 1989. 200p.

VIDAL E SOUZA, C. **A Pátria geográfica**. Sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: UFG, 1997. 171 p.

VLACH, V. R.F. **Geografia em debate**. Belo Horizonte: Lê, 1993.103 p.

\_\_\_\_\_. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Lê, 1989: 128 p.